

# A imprensa e o letrado: a cultura escrita no Rio de Janeiro da primeira metade do século

Lílian Martins de Lima

Mestranda em História – UNESP – Campus de Franca. Bolsista CAPES.

E-mail: lilian\_martinslima@yahoo.com.br

## Resumo

Neste trabalho, buscamos apresentar algumas características de um setor da imprensa periódica — as revistas — na cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX, assim como compreender o lugar do letrado nesse cenário.

**Palavras-chave:** Imprensa. Letrados. História.

## Abstract

This study sought present some characteristics of a sector of a regular press — a magazines — in the city of Rio de Janeiro during the first half of the nineteenth century, as well as understand the place of the literate in this setting.

**Keywords:** Press. Literate. History.

## Um ideal de imprensa

Ao percorrermos as páginas da produção impressa da primeira metade do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, é possível visualizarmos por meio dos editoriais um ideal de imprensa presente nas publicações<sup>1</sup>, que destaca, entre as inúmeras vantagens da imprensa, o *aprimoramento* da sociedade.

Através de suas seções, em especial àquelas voltadas para a participação do leitor, como, por exemplo, a *correspondência*, um diálogo instrutivo foi moldado com vistas a garantir o aperfeiçoamento moral do homem, considerada uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento geral da sociedade. O caso inglês, por exemplo, como mostra a historiadora Maria Lucia Pallares-Burke<sup>2</sup>, é exemplar: o periódico *The Spectator* que passou a circular a partir do ano de 1711, contou com a colaboração de seus leitores, em especial mulheres, que, por meio de cartas, discutiam assuntos considerados de suma importância no período, tais como o valor do conhecimento na sociedade ou, então, qual o modelo ideal de esposa. Nas páginas do *Spectator* podemos

vislumbrar todo um ideário que se fará presente no Oitocentos brasileiro, do qual se destaca a noção da imprensa como destinada a colaborar para a instrução dos indivíduos, garantindo desse modo uma sociedade mais *adiantada*, como se dizia no vocabulário da época.

As publicações nesse período possuíam algumas características que faziam a definição de jornal e revista algo problemático, dada à semelhança no formato e até mesmo no próprio título da publicação; é comum, por exemplo, ao lado do nome da revista a presença da expressão *jornal*, como podemos observar no caso da *Mínerva Brasiliense – jornal de ciências, letras e artes*. Como esclarece Ana Luiza Martins

[a revista é] *um objeto de difícil definição. Defini-la como gênero de impresso esbarra nas fronteiras quase conjugadas às do jornal, periódico que lhe deu origem e do qual, no passado se aproximava tanto na forma — folhas soltas e in folio- como, por vezes, na disposição do conteúdo, isto é, seções semelhantes.*<sup>3</sup>

Além dessa semelhança na forma de exposição dos

<sup>1</sup> Entre as publicações, destacamos ao lado dos pequenos panfletos, das folhas avulsas e dos jornais, as revistas que circularam na capital do Império entre os anos de 1808 à 1869. A presença desses elementos que indicaremos adiante ilustra o modelo por excelência dessas publicações: a França, por meio de seu *Mercure Français*, de 1611, e a Inglaterra, pelo *New Letter*, de 1642, pioneiras no gênero

<sup>2</sup> BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. *The Spectator – O teatro das luzes: diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1995.

<sup>3</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revistas*. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República. São Paulo: Edusp, 2001. p.43.

assuntos, era prática comum a encadernação dos vários números de uma determinada publicação, que dessa maneira se assemelhava a um livro. Surgida inicialmente como um complemento do jornal, as revistas tinham inicialmente um custo menor e almejavam alcançar um público cada vez maior, como explicam os editores do *Le Siècle*, publicação francesa de 1836:

*Considerando a extrema modicidade do preço como a base de seu empreendimento, os fundadores de Le Siècle tiveram em vista sobretudo estender os úteis ensinamentos da imprensa ao maior número possível de leitores. Não se trata unicamente de uma missão industrial que devem cumprir os senhores correspondentes ao contribuírem com todos os esforços para a propagação do jornal. Trata-se também de uma missão altamente civilizadora*<sup>4</sup>.

Com o passar do tempo, essas publicações ganharam novas características, como o uso de ilustrações e a incorporação de uma capa, que, por sua vez, proporcionou um manuseio mais fácil e conferiu a essas publicações mais prestígios do que os jornais. Outra característica dessa produção está ligada ao caráter de síntese presente nos ensaios, pois como notou Cimorra “o estilo periodista tende à síntese, a agilidade, a amenidade, à emoção imediata, a força direta e geralmente a atualidade ou atualização dos fatos”.<sup>5</sup>

Na configuração da estrutura dessas revistas é comum a existência de três à doze seções, de acordo com as temáticas abordadas<sup>6</sup>. Algumas seções não são fixas como, por exemplo, a dedicada à filologia, à catequese, à química, à agricultura, que aparecem em algumas publicações sendo em alguns números substituídas por assuntos de economia política, traduções de artigos de revistas européias e anedotas. Ao contrário, as seções de história, literatura, biografia, variedades e poesia, além de ocuparem um número de páginas maior — comumente esses ensaios ultrapassam os dois números — têm um lugar fixo na estrutura das publicações.

Concebida como um instrumento de *adiantamento*

do homem e da sociedade, os responsáveis pela publicação das revistas são enfáticos ao anunciarem o início da empreitada que, de forma geral, tinha o intuito de ser guiada pela razão, pelo progresso e pela moralidade, como podemos depreender nos seguintes trechos :

As notícias das descobertas e dos progressos da ciência e das artes e melhoramentos sociais serão admitidas quando parecerem de interesse para o país *assim como as matérias de moral e de literatura e as notícias da política externa quando lhes deixar lugar a afluência de assuntos da política nacional. Em suma: dirigir a opinião para o verdadeiro melhoramento moral e material do país [...]*<sup>7</sup>

*Foi para esse fim que se fundou a Ilustração Brasileira: seus colaboradores têm por função atingir a verdade quer por meio da ciência quer por meio da arte. [...]*

*Sem falar agora da influência, da missão da imprensa, afirmamos que os mesmos princípios e o mesmo espírito que presidirão sempre à todos os nossos atos se encontraram no vasto quadro dos assuntos de que se ocupará a Ilustração Brasileira, a saber: a moral pública, os costumes públicos, a política de interesse geral e do domínio da história, a economia política, a estatística e as leis de interesse geral, a eloquência parlamentar e judiciária, as ciências e belas artes, a literatura, a biografia, [...]*<sup>8</sup>

Para compreendermos o ideal de imprensa presente nas publicações, devemos ter em mente o valor então dado à educação. Nesse cenário, tudo aquilo que pudesse contribuir para o aprimoramento do homem deveria ser estimulado, desde as inovações técnicas, que geralmente eram noticiadas na abertura das revistas, até as noções de gramática francesa, uma vez que o conhecimento desse idioma era tido como fundamental para a formação do bom gosto.

*A educação é a base primordial da felicidade*

<sup>4</sup> Apud MEYRE, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p.58. (grifo meu).

<sup>5</sup> CIMORRA, Clemente. *Historia del periodismo*. Buenos Aires: Atlántida, 1946. p 157. (tradução minha).

<sup>6</sup> Essa é a média de seções existentes nas revistas abrangidas pela pesquisa. Cabe notar a diversidade dos assuntos abordados pelas revistas, que possuíam seções de física, astronomia, química, literatura, geografia, história, anedotas, traduções de textos clássicos, agricultura e economia política, entre outras.

<sup>7</sup> *O Indicador da Utilidade Pública*: folha política, científica e literária. Rio de Janeiro: Tipografia do Pereira, 12 de abril de 1836. p. 1-3. (grifo meu)

<sup>8</sup> *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro: Tipografia Vianna & Filhos, fevereiro de 1854. p. 1-2.

*humana, a fortuna sem ela torna-se um bem efêmero porque não pode ser aproveitada com a precisa regularidade. A educação nos instrui das regras do justo e do honesto para viver em sociedade com os outros homens.*<sup>9</sup>

A educação se apresentava, pois, como um elemento de suma importância para o desenvolvimento da sociedade como um todo; daí a ênfase dada pelos letrados do período na imperiosa necessidade de instruir-se e instruir os povos. Desse modo, compreende-se o destaque dado ao jornalismo enquanto um divulgador das idéias em geral.

*É incontestável a necessidade e utilidade do jornalismo, mormente nos países adolescentes onde a civilização se acha atrasada, tornando-se preciso trabalhar por lhes dar o impulso conveniente para que eles possam comparar-se na escala das nações.*

[...]

As luzes difundidas pelo jornalismo na população é um grande meio de conseguir-se o aperfeiçoamento moral de um povo nascente [...].<sup>10</sup>

*A imprensa tornou em nossos dias a leitura popular, o pensamento universal; continuou a revolução que o Evangelho tinha começado; deu a todos o que outrora só aos grandes e aos ricos se distribuía; foi procurar no abatimento e na solidão o pobre, o pequeno e o desvalido e sacudiu sobre eles o ramo da árvore da ciência carregado de orvalho, de fruto e flores.*<sup>11</sup>

Ao lado desse ideal de imprensa comprometida com os mais elevados princípios para a elevação do homem, encontramos também algumas queixas sobre o desvio de *tão nobre missão*. Na revista *O Indicador da Utilidade Pública* de 1836, por exemplo, um longo ensaio é dedicado a ilustrar o mau uso da imprensa, que longe de promover a prosperidade nacional, era responsável tanto por uma série de atritos entre os diversos membros da sociedade, como pelo incentivo à descrença nas instituições do Império. De acordo com o ensaísta, o abuso no uso da imprensa era perceptível nas publicações que

incitavam as paixões políticas e não cansavam de salientar o atraso geral do país, o que impedia o afluxo de investimentos estrangeiros. Para solucionar tal situação, o ensaísta propõe que a imprensa se volte para os seus ideais, com vistas a garantir um desenvolvimento nacional sem grandes sobressaltos; diz o jornalista:

*[...] os periódicos publicados desde a Independência do Império, ou seja, nos diferentes períodos do governo de Pedro I, ou nos que lhe sucederam desde sua abdicação com limitadas exceções tem todos aberrado mais ou menos do sublime e divino fim da arte de escrever e da faculdade da publicação dos pensamentos; todos mais ou menos se tem apartado da linha de conduta e do intuito a que deve tender o público escritor — a ilustração dos homens e especialmente dos seus compatriotas, a divulgação das verdades úteis sobre tudo na ordem dos direitos e deveres e das necessidades e conveniências sociais, o encaminhamento do governo [...]. Os resultados deste constante abuso da imprensa tem sido dentro do Império, como é bem patente, uma continua flutuação e incerteza nos atos dos poderes políticos do Estado, a agitação contínua dos espíritos; o atraso em que nos achamos nas medidas de progresso e de melhoramentos que reclamam as necessidades públicas e que permitem imensas faculdades desta vasta e riquíssima porção do território americano; a fraqueza e impotência do governo nacional, o descrédito das instituições, particularmente da liberdade de imprensa; a violação do sagrado da vida privada; a perpetração e a repetição dos crimes destrutivos da ordem e da tranquilidade pública e o desenvolvimento da imoralidade.*<sup>12</sup>

Anos depois, em 1854, em outra revista, *Guanabara*, encontramos um ensaio que aborda o papel do jornalista na sociedade e destaca o modo como esse profissional pode promover, ao mesmo tempo, a paz e a guerra. De acordo com esse ensaio intitulado “*O Jornalista*”, essa ambigüidade presente na atividade do jornalista está relacionada com a tensão entre a vida pública e a privada.

<sup>9</sup> *Beija Flor*: Jornal de Instrução e Recreio. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarensense de L. A. F. de Menezes, 02 de junho de 1849, p. 2.

<sup>10</sup> *Ibidem*, loc. cit. (grifo meu)

<sup>11</sup> *Minerva Brasiliense*: Jornal de Ciências, Letras e Artes. Rio de Janeiro: Tipografia Austral, 01 de novembro de 1843. p.7.

<sup>12</sup> *O Indicador da Utilidade...*, 12 de abril de 1836, p.1-3.

*Não é ele que sob diversas formas se introduz no lar doméstico e abstraindo das posições sociais, acorda uns, adormece a outros, a este encanta, aquele incomoda e prende de todos a atenção para o seu salvo aproveitar o precioso tempo. [...].*

*Não é ele que excita ou acalma as paixões, que alimenta ou combate os vícios; que impele ou detém os inexpertos e faz a guerra ou a paz! Não é ele enfim que instrui os povos ou os deprava; que os engrandece ou abate, e anima a indústria ou a esmaga!<sup>13</sup>*

Já em outra revista, a *Revista Popular*, entre os temas postos em discussão em janeiro de 1860, vale destacar o modo como esses literatos concebiam a sua relação com a sociedade:

*Conhecer essas grandes leis que regem o mundo moral, encarná-las nas instituições, nos costumes dos povos, traduzi-las em realidades práticas, aluminar a terra com o raio da verdade, eis a missão do filósofo, do literato.<sup>14</sup>*

Para desempenhar essa missão, os letrados do período se dedicaram à discussão de tudo aquilo que pudesse ser útil à sociedade — sendo os responsáveis pelas primeiras discussões sobre o *espírito brasileiro*. Essa geração de intelectuais foi responsável pelas primeiras indagações acerca do país em seus mais variados aspectos. Joaquim Norberto de Souza e Silva, por exemplo, redigiu inúmeros artigos para a *Revista Popular* em que realizava um balanço da contribuição indígena para a sociedade brasileira, chegando até mesmo a postular a existência de uma poesia indígena. Manuel Araújo Porto Alegre, por seu lado, foi um dos pioneiros a se dedicar a música e as artes plásticas.

À imprensa, portanto, cabia, por meio da propagação

das idéias, assegurar o caminho da nação rumo ao progresso e, também, rumo ao desenvolvimento moral dos indivíduos. De postura engajada, de caráter versátil, a imprensa periódica nesse cenário procurou, através de seus inúmeros artigos, ensaios, romances e anedotas colaborar para os rumos do país, tendo como máxima *‘venha, pois, a instrução. Derrame-se por onde for possível esse orvalho civilizador da humanidade porque é essa a fonte de todo o progresso’*.<sup>15</sup>

## Os colaboradores

Responsáveis pelas temáticas postas em discussão nas seções das revistas, os colaboradores-autores destacavam-se pelo seu caráter engajado e pela vastidão dos assuntos que despertavam seus interesses. Desse modo, não se dedicaram a colaborar somente na sua área de predileção, ao contrário, enveredaram por uma gama variada de assuntos, como foi o caso de Francisco Sales Torres Homem, que ao lado da literatura redigiu ensaios sobre a escravatura, além de colaborar na seção sobre os avanços da biologia. Engajados porque acreditavam que somente por meio de uma atuação forte e ativa dos intelectuais poderia a cultura brasileira avançar. Era a missão que lhes cabia e que serviria como espólio para as gerações futuras<sup>16</sup>.

Tais homens, ao desempenhar com afinco a referida missão, produziram um expressivo número de discursos, ensaios, resenhas e artigos, que, somados, dão uma idéia do espaço que ocuparam na vida cultural oitocentista. Escrever sobre diferentes ramos da ciência, propagar o conhecimento<sup>17</sup> para um número cada vez maior de leitores, combater o atraso das idéias que emperravam o progresso do país e, por fim, consolidar um espaço para reflexão das *coisas públicas*, tais eram os objetivos a serem atingidos pelos letrados brasileiros desde o

<sup>13</sup> *Guanabara*: Revista Artística, Científica e Literária. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarensis de L A F de Menezes, 07 de setembro de 1854. p.315.

<sup>14</sup> *Revista Popular*: Noticiosa, científica, industrial, histórica, artística, biográfica, anedótica e musical. Tipografia Moderna de Georges Bertrand, janeiro de 1860, p.92.

<sup>15</sup> *Álbum Literário*: Periódico Instrutivo e Recreativo. Rio de Janeiro: Tipografia do Correio Mercantil, março de 1861, p. 2. (grifo meu)

<sup>16</sup> Como podemos depreender no seguinte trecho: "Um certo número de homens virtuosos serve de modelo a seus contemporâneos; eles são úteis à sociedade não somente durante sua vida, mas ainda depois dela, pelo exemplo que eles deram, pois que se pode dizer: a morte de um homem virtuoso assemelha-se ao fim de um belo dia, que do passado nos deixa em doce impressão e nos anima para o futuro". *A Nova Minerva*: periódico dedicado às ciências, artes, literatura e costumes. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. da Silva Lima, março de 1845, p.105-6.

<sup>17</sup> De acordo com o *Ensaio econômico sobre o influxo da inteligência humana na riqueza e prosperidade das nações* de José da Silva Lisboa publicado na *Revista Popular*: "Se os governos se convencessem que da superioridade da inteligência é que vem a progressiva riqueza e prosperidade das nações, e ainda a maior e mais durável potência dos impérios, e que da multiplicidade de inteligências nos inumeráveis ramos de emprego, de que se compõe a indústria humana e o extenso conhecimento das imutáveis relações de tudo o que concorre a aperfeiçoar o entendimento e reger as paixões resulta outra ordem de sociedade[...]". (grifo meu). *Revista Popular*, novembro de 1859, p.41.

lançamento da revista *Nitheroy*<sup>18</sup>, em 1836. No entanto, muitas eram as dificuldades que se apresentavam para aqueles que se engajaram nessa tarefa<sup>19</sup>, como podemos perceber num esboço da trajetória do letrado, publicada na *Crônica Literária* e na *Revista Popular*, em 1848 e 1860, respectivamente.

[...]. *Entramos na vida, cheios de fogo, de esperanças; mas apenas damos um passo para o nosso fim, a experiência e a luta dissipam as nossas ilusões risonhas, esclarecem os desgostos espalhados pela estrada e nos mostram o prolongamento, a incerteza do resultado. Este é o resultado comum, e ninguém pode se livrar dele.*

[...]. *porque profissão alguma é tão cheia de sabores, de privações, de obstáculos, como a aventureira, a árdua profissão do homem de letras.*<sup>20</sup>

*No Brasil, as vocações nascentes definham tristemente por falta de animação. Primeiro que uma inteligência terna rompa com as espessas camadas de indiferentismo e torne suas produções conhecidas tem de vencer as dificuldades terríveis, prevenções desfavoráveis. Seus primeiros esforços, fracos e impotentes passam despercebidos quando não os acolhe a má vontade de críticos improvisados ou o despeito da mediocridade. [...].*

[...].

*Entretanto, o literato é o rei do futuro. [...] Fala ao futuro pela voz da verdade, quebra as leis do tempo e, proclama seus oráculos até à mais remota posteridade. [...] Sua missão abrange horizontes mais vastos. Pelo poder da inteligência ele triunfa da lei do tempo e suas idéias alcançam os séculos mais remotos. [...].*<sup>21</sup>

Entre as causas comumente enumeradas como res-

ponsáveis pelas dificuldades para o progresso das letras no país encontravam-se a indiferença e a lisonja. A primeira se fazia presente por meio dos críticos que tolhiam os jovens letrados. A nascente crítica, a propósito, também tinha um espaço reservado nas revistas, comumente denominado *bibliografia*, onde eram divulgadas as obras dos letrados nacionais, com destaque para a participação de A. F. Dutra e Mello, o maior colaborador nessa seção. A apreciação das obras era sempre pautada pela presença de elementos e caracteres entendidos como constituintes de um caráter nacional, ou dito de outro modo, pelo comprometimento com as *coisas pátrias*. Dessa maneira, qualquer produção escrita que apresentasse alguma característica que comprometesse esse ideal, como, por exemplo, o uso de modelos estrangeiros ou o recurso à mitologia, era alvo de severas críticas.<sup>22</sup>

A lisonja, não obstante ser constantemente apontada como um dos empecilhos com que se deparavam os letrados, constituía uma característica do meio cultural local, segundo a opinião dos próprios intelectuais. Tratava-se da tendência ao elogio entre letrados que faziam parte, por exemplo, de uma mesma associação literária. No *Álbum Literário – Periódico Instrutivo e Recreativo* de 1860, um anônimo sentencia:

*A lisonja, incenso corrupto que se queima no altar da estupidez, tributo que ao ouro rendem corações prostitutos, tece coroas de louro ao ignorante e instila gotas de fel na alma do gênio.*<sup>23</sup>

Assim, por mais nobres que fossem os desejos de contribuir para o progresso do país, eles não eram suficientes para garantir o sucesso da empreitada. Era necessário, para o êxito da missão, um apoio que possibilitasse as condições fundamentais para o desempenho

<sup>18</sup> Considerada pela historiografia literária como um marco do romantismo no Brasil, a revista *Nitheroy* teve apenas dois exemplares publicados no ano de 1836. Contou com importantes nomes da intelectualidade brasileira do período, como o poeta Gonçalves de Magalhães, Manuel Araújo Porto Alegre, Francisco Torres Sales Homem e Pereira da Silva. Cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1969, 2 v.

<sup>19</sup> Sobre o empenho dos letrados no desempenho da missão que se auto-intitularam vale destacar o seguinte trecho: “Começamos o nosso segundo ano sob os melhores auspícios, dizíamos nós, não porque tínhamos vencido as dificuldades inerentes a este gênero de escritos, mas porque experimentamos a benevolência do público e contraímos grande número de colaboradores cujos trabalhos não sem muito prazer deixamos estampados em nossas colunas. Nós lhe agradecemos profundamente a cooperação que nos prestaram para que a esta nossa folha se sustentasse até agora, e esperamos de sustentar ainda, graças ao amor que tem as letras e ao desinteresse que os anima”. *Beija-Flor*, 02 de junho de 1849, p. 1-2.

<sup>20</sup> *Crônica Literária*: Jornal de Instrução e Recreio. Rio de Janeiro: Tipografia de José Ferreira Monteiro, 02 de julho de 1848, p.209.

<sup>21</sup> *Revista Popular*, 05 de janeiro de 1860, p.92-3.

<sup>22</sup> A apreciação da então nascente crítica era muitas vezes considerada como prejudicial para o desenvolvimento de novos talentos literários já que, no julgamento de alguns letrados “não deixa amadurecer as idéias, não espera, julga prontamente, fatiga-se, desacoroçoia [...]. A crítica se esquece de que ela ainda está no berço, e em vez de limitar-se a dirigi-la, açouta-a com os séculos-modelos, exige em demasia e depois queixa-se e prediz o ocaso da poesia.” *Nova Minerva*, dezembro de 1845, p.06-7.

<sup>23</sup> *Álbum Literário*, 15 de novembro de 1860, p.58.

com vigor de tais atividades. E não houve melhor apoio para isso do que o dado pelo monarca Pedro II, como reiteradas vezes sugeriam os editores do *Indicador da Utilidade Pública*, em 1836.

Para que as artes comecem a ter uma vida regular e floresçam pouco a pouco, para que elas espalhem o seu benigno insufla na moral pública e na indústria, é necessário que a família artística tenha um ponto de constante apoio no país, e este ponto é o governo: *o artista é precisamente aquele homem da Escritura que não vive só de pão.*<sup>24</sup>

Comumente descrito pelos seus contemporâneos como um *amante das letras e das ciências*, o monarca Pedro II foi uma personagem de destaque nesse cenário e desempenhou o papel de o grande incentivador da elevada missão de tornar o país um exemplo de progresso e civilização. Além de presidir sempre que possível as sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro<sup>25</sup>, Pedro II estimulou o surgimento e proliferação dos periódicos. Em uma de suas anotações, de 1861, declarou:

*Leio constantemente todos os periódicos da Corte e das províncias os que, pelos extratos que dele se fazem, me parecem mais interessantes. A tribuna e a imprensa são os melhores informantes do monarca.*<sup>26</sup>

Os editores, inclusive, reservavam, na primeira página de lançamento das revistas, um agradecimento especial ao *mecenas* brasileiro. Acompanhemos, a seguir, alguns trechos acerca da participação do monarca na vida cultural ao longo do século XIX. O primeiro, publicado na *Guanabara* de 1850, agradece à D. Pedro II pelas reformas feitas na sala de estudos do IHGB. No trecho seguinte, os editores de *O Espelho – Revista de Literatura, Modas, Indústria e Artes* destacam o apoio do Imperador à iniciativa de publicar a revista em 1859.

*Sua Majestade, o Imperador, dignando-se há tempos de fazer uma visita a sala onde o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro faz as suas sessões ordinárias,*

*mostrou-se descontente da mesquinhez do lugar e ordenou imediatamente ao seu mordomo que mandasse preparar uma sala digna daquela sociedade que tão bons serviços está fazendo ao país. [...].*

*Um novo ser se despertou em nossa alma; sentimos um justo orgulho de pertencer a uma nação que é rígida por um príncipe tão nobre e espontaneamente se desenvolve; e que planta com sua própria mão as balizas desse futuro que havíamos entrevisto nos nossos sonhos dourados [...].*

*Ah, não! Não foi tempo perdido para o Brasil e para a glória aquelas horas empregadas tão dignamente e que tanto hão de frutificar [...].*<sup>27</sup>

*O Jornal, disse algures um dos nossos irmãos pelas letras, é a democracia prática pela inteligência [...]. Com esta convicção no espírito, entramos nós na arena. De um lado, a proteção pública, do outro lado, a proteção imperial, caminharemos embalados por estas duas afeições, ambas valiosas, legítimas ambas.*<sup>28</sup>

O apoio dado pelo monarca ao florescimento das letras e artes no país moldou o espaço ocupado pelos intelectuais oitocentistas que se reuniram ao seu redor. Essa vinculação é característica desse momento da história do país onde inúmeras vezes os letrados se viram propensos não somente à vida literária mas também à vida política. A bem da verdade, tal prática era comum entre os homens de letras, como elucida o seguinte trecho da *Revista Popular*, em 1859:

*Há uma época na vida, cheia de fé, rica de esperança em que a mocidade, virgem do contato do mundo, crê no futuro das letras porque tem no seu peito um culto erigido à vontade. Mais tarde, porém, lá vem as preocupações do presente, a exigência da vida prática, e o jovem que antevira uma perspectiva brilhante na carreira das letras, esquece o culto da verdade, o sacerdócio da inteligência pelas aspirações da ambição. Seus olhos, desviados da região serena do pensamento contemplam fascinados os embates tempestuosos da vida pública; e o literato troca as fecundas lucubrações da*

<sup>24</sup> *O Indicador da Utilidade Pública*, maio de 1836, p.67. (grifo meu)

<sup>25</sup> “Sua Majestade, o Imperador tem continuado a honrar com a sua augusta presença as sessões do IHGB. Este fato e a maneira singela porque é executado é um testemunho das iminentes qualidades de um tão alto príncipe e o quanto o monarca americana se empenha pelo progresso das luzes no seu nascente Império. *Guanabara*, setembro de 1852, p. 264.

<sup>26</sup> Apud CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.79.

<sup>27</sup> *Guanabara*, agosto de 1850, p.38.

<sup>28</sup> *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Tipografia de Paula Brito, 04 de setembro de 1859, p. 03.

inteligência pelas lutas agitadas e não poucas vezes estereis da política.

[...].

*Assim são as vocações nascentes no Brasil. Desabrocham hoje no meio da crença e do entusiasmo para finarem-se amanhã nos terríveis desenganos da vida prática*<sup>29</sup>.

Como atentou o ensaísta da *Revista Popular*, tal configuração do ambiente intelectual era resultado dos seus próprios limites. As páginas das revistas são insistentes em afirmar os exíguos rendimentos oriundos da vida literária, situação essa que obrigava os letrados a investirem paralelamente em outra função para a sobrevivência, como confessa um dos colaboradores da *Guanabara*, em 1854:

*Ninguém vive entre nós de ser homem de letras: todos têm suas ocupações com que granjeiam o pão cotidiano: deixando-lhes estas mui poucos lazeres para se entregarem as lucubrações literárias. A acumulação de empregos indispensavelmente entre nós em razão dos nossos mesquinhos ordenados absorve-nos o tempo que poderíamos dedicar ao estudo e daí a esterilidade de algumas penas que poderiam aliás ser tão fecundas.*<sup>30</sup>

Desse modo, o caminho comumente trilhado era o desempenho de funções públicas, como ocorreu com muitos dos colaboradores das revistas em questão. Somada a essa dificuldade resultante dos modestos rendimentos da atividade de letrado, a própria formação desses homens propiciou sua rápida absorção no funcionalismo público.

Na sua grande maioria são bacharéis formados em Direito e, como observou o historiador José Murilo de Carvalho<sup>31</sup> estavam aptos a ocupar altos cargos no Estado, como a magistratura, por exemplo. Ainda com base nos estudos de Carvalho, a educação superior garantiu certa homogeneidade à elite política, que era formada majoritariamente por profissionais liberais: advogados, jornalistas, engenheiros, médicos, entre outros. Uma rápida incursão sobre os principais colaboradores das revistas corroboram com essa tese.

Entre os principais colaboradores cabe destacar,

inicialmente, a figura de Domingos José Gonçalves de Magalhães<sup>32</sup>, que ditou o tom das discussões que tinham como temática a literatura nacional. Desde o seu ensaio sobre a história da literatura do Brasil, publicado na revista *Nitheroy* em 1836, o nome de Magalhães é uma referência nas revistas do período para todos àqueles que se dispunham a refletir sobre a construção e escrita de uma *cultura brasileira*, logo o domínio de Magalhães, ou melhor, das idéias postuladas por ele é visível no espaço dedicado à análise do futuro das letras no país. Sua formação, sua participação na vida política, ou melhor, sua trajetória ilustra o caminho comumente seguido pela maioria dos letrados oitocentistas: diplomado em Medicina, exerceu o cargo de professor no colégio Pedro II, além de atuar como deputado pela província do Rio Grande do Sul, anos mais tarde, ocupou o cargo de governador. A vinculação entre as *belas letras* e a política foi coroada com os títulos de Barão e Visconde do Araguaia, concedidos pelo Imperador Pedro II.

Outra presença muito marcante nas revistas foi a de Joaquim Norberto de Sousa e Silva que, seguindo os passos de Magalhães, buscou traçar as linhas mestras de uma história literária, o *Bosquejo* publicado entre os anos de 1859 à 1862 nas páginas da *Revista Popular*. Membro do IHGB — chegou inclusive a ser presidente da instituição —, Norberto redigiu uma *História da Conjuração Mineira*, realizou pesquisas sobre os costumes indígenas e, escreveu algumas peças de teatro e romances, além de dedicar-se a tradução de alguns autores franceses como, por exemplo, Molière.

Um colaborador cujo nome é constante nas páginas das revistas é o de Francisco Sales Torres Homem. O intelectual participou, ao lado de Gonçalves de Magalhães, da fundação da *Nitheroy* e, anos mais tarde, em 1843, se dedicou à *Minerva Brasiliense* onde foi responsável pela seção de literatura e de ciências, além de redigir alguns ensaios de cunho econômico. Paralelamente à atividade literária, ocupou, ao longo dos anos, os cargos de deputado, senador, ministro da Fazenda e presidente do Banco do Brasil. Juntamente com Torres Homem e Gonçalves de Magalhães encontra-se João Manuel Pereira da Silva, que além de colaborar na *Nitheroy*, dedicou-se à seção de bibliografia, de leitura, crítica e sugestões de obras recém lançadas da *Revista*

<sup>29</sup> *Revista Popular*, 05 de janeiro de 1860, p.91-2. (grifo meu)

<sup>30</sup> *Guanabara*, 01 de setembro de 1854, p.321-2.

<sup>31</sup> CARVALHO, José Murilo de. *O Teatro das Sombras*. Rio de Janeiro: Relume, 1999.

<sup>32</sup> Fundador da *Revista Nitheroy*, foi colaborador da *Revista Popular*.

Popular. Além de crítico literário, Pereira da Silva<sup>33</sup> era tradutor e historiador — publicou entre outras obras, a *História da Fundação do Império, Segundo Período do Reinado de D. Pedro I, História do Brasil de 1831 à 1840*; quanto à vida política, elegeu-se senador no final da década de 80 do Oitocentos.

Aliás, a associação entre os letrados — como a empreendida por Magalhães, Torres Homem e Pereira da Silva na *Nitheroy* — era comum nesse período. Anos depois, em 1849, surgiu a revista *Guanabara*, que contava entre seus editores com Manuel Araújo Porto Alegre, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo. Esse último, além de médico, foi jornalista, professor do colégio Pedro II, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e do Conselho Diretor de Instrução Pública da Corte em 1866. Colaborou intensamente com a tradução e escrita de inúmeros romances, comédias e óperas, cujas estréias eram sempre amplamente saudadas pelos críticos e pelo público.

*No teatro de São Pedro representou-se uma ópera composta pelo Sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo intitulada O Fantasma Branco que foi vivamente aplaudida pelo público: é um triunfo a nova produção do autor de A moreninha, do Moço Loiro e de Dois Amores[...]*<sup>34</sup>

Gonçalves Dias, que também era jornalista e fazia parte do corpo docente do colégio imperial Pedro II, realizou inúmeras viagens pelo Brasil — com o fim especial de analisar as possibilidades mineralógicas da região norte — e pela Europa, sempre a mando do governo imperial, além de participar ativamente de periódicos como o *Jornal do Comércio*, a *Gazeta da Corte*, *Crônica Literária*, entre outras publicações. Ao lado de Joaquim Manuel de Macedo, Dias era um dos letrados comumente identificados pelos críticos da época como uma das *grandes promessas nas letras nacionais*.

Já Manuel Araújo Porto-Alegre — também um dos fundadores da *Nitheroy*, além de contribuir na *Minerva Brasiliense*, foi responsável pela *Guanabara* onde dissertou sobre a arte musical, a literatura e o teatro no Brasil. Porto-Alegre integrava também o extenso rol de

colaboradores da *Revista Popular*, assim como Luiz de Castro, Antonio Feliciano de Castilho, Justiniano José da Rocha, o cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Homem de Melo, Francisco de Paula Brito e Francisco Adolfo de Varnhagen entre outros.

Varnhagen — que ficou mais conhecido por sua contribuição no campo dos estudos históricos — era sócio-correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e do IHGB, além de exercer o cargo de diplomata na Espanha, Paraguai, Venezuela, Chile, Peru e Países Baixos, onde, em contato com arquivos e bibliotecas compilou documentos e elaborou diversas obras como *História geral do Brasil, História das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Ao lado de ensaios de cunho histórico, elaborou artigos sobre a situação literária no país, assunto do qual se ocupou também o cônego da capela Imperial Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, autor de um *Curso Elementar de Literatura Brasileira*, publicado em 1862, cuja história de elaboração é assim apresentada nas páginas iniciais da obra.

*Quando em 1857 fui nomeado professor de retórica, poética e literatura nacional do Imperial Colégio Pedro II, reconhecemos praticamente a falta de um compêndio adaptado à ultima parte do nosso curso. Para preencher esse vazio, tomamos sobre os nossos débeis ombros uma empresa que as outros melhor caberia; e o resultado é ora o que apresentamos ao público [...]*<sup>35</sup>

Justiniano José da Rocha, por sua vez, dedicou-se à um espectro variado de atividades: do jornalismo enveredou para a ficção e a crônica, além de colaborar em inúmeros periódicos, traduziu o romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, para a *Revista Popular*.

Se a seção dedicada às belas letras contava com grande número de colaboradores, o mesmo não ocorria, por exemplo, com a seção voltada para as ciências médicas, cujo principal colaborador era Francisco de Paula Brito. Médico formado na França, Paula Brito era professor de física médica, terapêutica e química na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1833,

<sup>33</sup> “Chamamos a atenção dos nossos leitores para o Plutarco Brasileiro que o Sr. Dr. João Manuel Pereira da Silva vai publicar. Não se pode negar que é um grande serviço que o sr. Pereira da Silva faz ao país, tirando do olvido esses ilustres brasileiros que tanto honraram o seu país”. *A Nova Minerva*, abril de 1847, p.08.

<sup>34</sup> *Guanabara*, 01 de setembro de 1854, p.264.

<sup>35</sup> PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro: Garnier, 1862, s.p.

membro do IHGB e da Academia Filomática de Paris, sócio honorário da Academia de Belas Artes. Paralelamente à atividade de deputado provincial ocupou o cargo de presidente da Junta Central de Higiene Pública, no ano de 1855, empenhando-se no combate à epidemia de cólera que então assolava a província do Rio de Janeiro.

Ao lado desses nomes que figuraram de forma predominante nas diversas revistas que circularam nesse período, cabe destacar também José Manuel Valdez e Palácios, que comumente assina os artigos como Dr. Valdez. De nacionalidade peruana, Valdez, formado em Direito, sócio do IHGB, redigiu inúmeros ensaios e artigos que, na sua maioria abordavam temáticas relacionadas como o universo feminino. Aliás, a participação de estrangeiros nas revistas é notável: Émile Adet, por exemplo, participou da *Minerva Brasiliense*, onde escrevia sobre literatura e teatro. Redigiu uma série de artigos em que destacava a contribuição francesa em vários campos do conhecimento produzidos no Brasil, especialmente na literatura. Ouçamos algumas de suas conclusões:

*Percorrendo-se o círculo dos conhecimentos humanos no Brasil, vê-se que a França é a nação que mais tem contribuído neste século para o rápido progresso civilizador deste império. Descobre-se no seu desenvolvimento intelectual, debaixo de todas as modificações que são inerentes ao caráter nacional, a idéia francesa dominadora. Portanto, percorra-se o campo da política, e distinguir-se-ão fragmentos do sistema francês; explorem-se as ciências, físicas ou naturais, sociais ou filosóficas, incomensuráveis domínios, a idéia francesa é que sempre aparecerá. [...]. Com referências às artes industriais, às modas, máxima à literatura nascente da época presente, é o Brasil discípulo da França.*<sup>36</sup>

No exercício de crítico teatral, Adet sentenciou:

*Um bom teatro é um foco de civilização em que um povo se pode instruir, os ricos procurar um assunto sério e proveitoso de conversação, em que os homens estudiosos podem achar distrações, meditar, e às vezes*

*desenvolver seu talento.*<sup>37</sup>

Havia ainda, a participação — embora menos frequente — de outros letrados como foram os casos de Viriato Bandeira Duarte, Bernardo de Sousa Franco e Aureliano de Sousa e Oliveira, colaboradores, respectivamente da *Ilustração Brasileira*, do *Beija-Flor* e da *Abelha*. Viriato, que redigiu boa parte dos comentários sobre os romances publicados pelos escritores românticos, foi Juiz Municipal em São Luís do Maranhão, Auditor Geral da Marinha, em 1864, Desembargador, Chefe da Polícia da província do Mato Grosso e deputado, entre 1853 e 1866. Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, além de juiz de órfãos, foi Ministro da Justiça e dos Negócios Estrangeiros, entre os anos de 1840 e 1841 e, senador do Império, entre 1843 à 1855.

Nessa breve incursão pela trajetória de alguns dos colaboradores das revistas é possível perceber a presença de alguns elementos comuns: em primeiro lugar, o exercício de inúmeros cargos políticos, desde o cargo de deputado provincial até o de conselheiro e senador do Império<sup>38</sup> — esse último representava uma espécie de coroamento para aqueles que enveredavam pela vida pública. A concessão de títulos honoríficos também abunda nesse cenário: quase sem exceção, todos os colaboradores foram agraciados com títulos de Visconde ou de Barão pelo Imperador. Outra característica que se detecta nesse mapeamento do intelectual oitocentista é sua participação não apenas em mais de uma publicação, mas também em associações e agremiações literárias e culturais.

Neste período, inúmeras associações e sociedades foram fundadas com o fim especial de servirem como mola propulsora para o desenvolvimento das letras, ciências e artes, como a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, da qual Torres Homem, por exemplo, foi membro. Anos mais tarde, essas associações entre homens de letras — que não necessariamente moravam no país — deram origem a inúmeros jornais e revistas, algumas com mais de sessenta colaboradores, como foi o caso da *Revista Popular*.

Apoiados pelo poder imperial, seja na forma de patrocínio para viagens ao exterior ou para publicação

<sup>36</sup> *Minerva Brasiliense*, 15 de novembro de 1843, p.80

<sup>37</sup> *Ibidem*, 01 de novembro de 1843, p.121.

<sup>38</sup> O cargo de senador durava em média quinze anos.

de obras, seja por meio do exercício de um cargo público — que muitas vezes eram ocupados por longos anos, os letrados superavam assim os problemas decorrentes dos exíguos rendimentos da atividade literária e consolidaram sua presença no Império. Ao desempenhar mais de um cargo, esses letrados procuraram, unir o útil ao agradável. Por maiores que fossem os elogios atribuídos ao monarca, os letrados insistiam que as condições estavam longe das ideais.

Em 1864, os responsáveis pelo *O Cisne – Jornal Literário* defenderam durante mais de dois meses a fundação de uma sociedade protetora dos Homens de Letras: uma instituição que a cada ano premiará aqueles que se destacassem, estimularia os homens de letras em atividade e incentivaria aqueles que desejassem ingressar nesse universo:

*Eia, pois um esforço! Faça-se alguma coisa em favor desses pobres operários do pensamento, uma simples tentativa que demonstre ao menos a boa vontade da parte daqueles que dirigem os negócios deste país [...]. Por que não teremos uma instituição adaptada a premiar o mérito dos bons escritos e a fazer por esse modo adeptos ao melhoramento intelectual, como acontece em outros países<sup>39</sup>!*

Outro apelo que aparece, desta vez na *Nova Minerva* é para a criação de instituições de ensino, como Liceus, Academias e Universidades. De forma insistente, os letrados advogam a criação de um número cada vez maior de espaços dedicados à difusão do saber, com o fim especial de suprir as lacunas que ainda se faziam presentes e obstavam o futuro nacional, como podemos depreender do seguinte trecho:

Uma Universidade além das Academias, Cursos, Liceus e aulas atuais preencheria muito esse vácuo imenso que ainda existe em nosso orbe literário; e que é de tanto mais urgência quanto é certo que o nosso colossal país deverá um dia, pelas suas proporções avantajadas ocupar um grau distinto entre as mais adiantadas nações do globo: e que se ainda não atingiu é quiçá porque não tem dado maior impulso às ciências e artes, fonte de sua riqueza [...] <sup>40</sup>.

Anos antes, em agosto de 1848, na *Crônica Literária*, Viriato Bandeira Duarte queixava-se das grandes somas concedidas para outras atividades, especialmente para as industriais, e alertava que um país não era feito somente com grandes obras arquitetônicas, mas também com idéias que davam o seu quinhão de contribuição para o avanço do país.<sup>41</sup>No entanto, nos anos seguintes, nenhuma nota ou artigo informava se tal sugestão logrou êxito.

A frequência da participação dos colaboradores nas revistas era variada. Em alguns casos, como na *Revista Popular*, os escritos de Joaquim Norberto Silva e Sousa ocupavam toda a sessão de literatura, com cinco ensaios, por exemplo; outros colaboradores contribuía com apenas um ensaio, como Manuel de Araújo Porto Alegre na *Guanabara*.

Os assuntos prediletos abordados pelos letrados são, ao lado da literatura nacional — que ocupou boa parte das revistas, estudos de cunho etnológicos-históricos, como foi o caso, por exemplo, dos ensaios realizados por Joaquim Norberto da Silva e Sousa, para a *Guanabara*, que versavam sobre a língua e costumes indígenas, e ensaios que versavam sobre o avanço das ciências e do uso da mão de obra escrava, como foi o caso de alguns artigos redigidos por Torres Homem. Como boa parte dos intelectuais do período, o visconde de Inhomirim se mostrava entusiasmado com o advento das máquinas, com os avanços da biologia e com a difusão dos conhecimentos científicos, como podemos perceber no balanço que realizou sobre o século XIX, publicado no número de estréia da *Minerva Brasiliense* em 1843:

*É somente em nossos dias que se tem feito notar uma geral mudança na direção das ciências: noutras épocas elas apresentavam uma marcha ativa e orgulhosa: absorvidas na grandeza de suas abstrações, pouco se cuidava em prestá-las ao serviço prático da espécie humana, aplicando-se às artes úteis. Daí provinha que estas, sem princípios racionais, se guiavam apenas por uma espécie de instinto empírico. [...] a nossa idade terá a glória de haver tirado a ciência de suas compreensões egoístas. [...] a imprensa tornou em nossos dias a leitura*

<sup>39</sup> *O Cisne*: Jornal Literário. Rio de Janeiro: Tipografia de Quirino & Irmão, 01 de junho de 1864, p.05.

<sup>40</sup> *A Nova Minerva*, p. 128. O microfilme apresenta falhas que impossibilitam a identificação da data.

<sup>41</sup> O colaborador da *Brasil Literário* assim se pronuncia acerca dessa temática: “Lembremos-lhes que o progresso e a grandeza das nações não se limita somente ao aparato das armas e acumulação de dinheiro; depende também da ilustração de seus súditos”. *Brasil Literário*. Rio de Janeiro: Tipografia da Atualidade 01 de junho de 1864, p.06.

*popular, o pensamento universal, continuou a revolução que o Evangelho tinha começado; deu a todos o que outrora só aos grandes e aos ricos se distribuía [...]. De todos os inventos porém de nossos coevos é sem dúvida a navegação a vapor a mais importante, o mais fecundo, o mais rico em promessas.*<sup>42</sup>

Torres Homem também defendeu, para o bem do futuro do país, como dizia, a substituição gradual da mão de obra escrava pela europeia e assalariada. Seu primeiro ensaio voltado para o tema foi publicado já em 1836, na *Nitheroy*; anos depois a temática reaparece na *Minerva Brasiliense*, na *Guanabara*, na *Nova Minerva* e na *Revista Popular*. O tom geral desses ensaios confirmava o veredicto do editor-chefe da *Minerva Brasiliense*: se o extenso uso de mão de obra escrava permanecesse, conseqüências funestas para o Brasil poderiam ser esperadas. A solução encontrada pelos letrados foi a defesa e intensa propaganda da vinda de colonos europeus, esse era o projeto que tinham para o futuro do país. No entanto, na década de 50<sup>43</sup>, com a crescente pressão inglesa, a situação se mostrava cada vez mais frágil: era necessário prudência e organização para conquistar colonos, como apontava na *Revista Popular*:

*Introduzir colonos no Brasil, sem saber que fazer com eles, não só é inútil mas até danoso pois que estes colonos jamais serão contentes tendo sido recrutados sob a fé de promessas vagas e mentirosas e não vendo achar o que esperavam.*<sup>44</sup>

Após essa incursão pelos principais nomes que figuraram nas revistas da época, e por suas características de grupo, voltemos nossa atenção para alguns aspectos que nos permitam mapear o lugar do intelectual nesse cenário. Em primeiro lugar, cabe salientar que o caráter homogêneo desses colaboradores — desde sua formação acadêmica até a ocupação de cargos ministeriais — pode ser contemplado no seu próprio posicionamento, que raramente apresentavam divergência. Ao percorrer as

diversas revistas publicadas entre os anos de 1843 à 1869, o que se verifica é uma comunhão de idéias e visões sobre o país no tocante aos mais distintos assuntos.

O que se percebe é um posicionamento político que advoga a condução do país para o futuro pautando-se pela ordem e no respeito à instituição monárquica. Desse modo, percorrendo os ensaios, artigos e romances escritos por esse grupo de letrados, não se encontra indícios de temperamentos revolucionários, no sentido de representar qualquer oposição ou antagonismo no cenário oitocentista.<sup>45</sup> A respeito desse assunto, acompanhemos no seguinte comentário presente na *Revista Popular*:

*[...] mas quando dissemos livres, não queremos dizer naqueles [países] onde reina a anarquia e a desordem, [...] a absoluta falta de poder, [...] nem entendemos por países livres só aqueles que levam o nome de repúblicas, pois que neles pode reinar o despotismo mais do que na monarquia, como nos comprova a história recente dos estados hispano-americanos [...].*<sup>46</sup>

O contato dos letrados com o Imperador era intenso, bem como com alguns intelectuais europeus. Esse foi o caso, por exemplo, de Manuel Araújo Porto-Alegre que teve como mestre na arte da pintura o francês Debret e conheceu durante sua estadia na capital francesa o escritor português Almeida Garret; aliás, era freqüente durante esse período viagens para a Europa os intercâmbios com instituições e centros europeus, como o Instituto Histórico Francês, que possuía membros-colaboradores brasileiros, Gonçalves de Magalhães e o já citado Porto-Alegre.

Aliada à essa característica, notamos que todos esses letrados postulavam uma autonomia do país diante das outras nações. Para tanto, estimulam estudos e iniciativas que possibilitem o progresso do Brasil em todos os setores: dos estudos de literatura, a catalogação de fontes para a história do Brasil, as missões científicas, a organização de exposições dos principais produtos do país

<sup>42</sup> *Minerva Brasiliense*, 01 de novembro de 1843, p.07.

<sup>43</sup> Com relação à essa temática remeto às seguintes obras: CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir). *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico: Do Império à República*. São Paulo: Difel, 1985, vol. V.; VIOTTI, Emília. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Unesp, 1998.

<sup>44</sup> *Revista Popular*, maio de 1860, p.25.

<sup>45</sup> “Homens de ordem e ponderação, medianos na maioria, que viviam paradoxalmente o início da grande aventura romântica e, mesmo no aceso da paixão literária, desejavam manter as conveniências, nunca tirando um olho do Instituto Histórico ou da jovem e circunspecta majestade de D. Pedro, ao qual dedicavam seus livros.”. Cf. CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*, p.42.

<sup>46</sup> *Revista Popular*, junho de 1859, p. 08. (grifo meu).

em feiras internacionais e tantas outras medidas patrocinadas pelo governo Imperial e executadas pelos letrados. Por meio de suas atuações — que se estenderam por vários campos do conhecimento e diversas instituições nacionais e estrangeiras —, tais homens colaboraram intensamente para o despertar e para o amadurecimento da vida cultural carioca oitocentista.

Um terceiro ponto de convergência entre os letrados, e intimamente ligado ao primeiro, era o amor ao progresso. Essa crença no caminhar firme da humanidade rumo ao aprimoramento técnico, moral e intelectual perpassava todos os colaboradores, que compreendiam a época em que viviam como o ponto alto do desenvolvimento humano. Assim, pautados pela crença no progresso, acreditavam num destino não menos glorioso para si próprio: estavam destinados a lançar os alicerces para as gerações seguintes.

*Estará a mocidade atual condenada a ser eterna recopiladora dos nossos antepassados ou terá entusiasmo para se inspirar e ser útil á Humanidade.*

*Será esta geração a conveniente para uma reforma social ou será um autômato obrigado a ceder as vontades de certas mediocridades rotineiras, exaustas pelos anos e sem força para imaginar!<sup>47</sup>*

Uma quarta característica desses colaboradores era sua vinculação com o poder imperial. Embora já tenhamos tocado nesse quesito, cabe uma vez mais reiterar que tal postura evidencia além dos limites das circunstâncias da época, uma aliança que, somada à uma quinta característica, a saber, a veneração pelas culturas francesas e inglesas, deu um caráter *oscilante* para essa geração de intelectuais.

Ora, esses letrados desejavam e reivindicavam um autonomismo, ao mesmo tempo em que pautavam suas ações culturais pelas culturas exógenas, como a francesa, por exemplo, entendida como um modelo a ser copiado e difundido entre os brasileiros. Tal característica, como observou Candido<sup>48</sup>, não pode ser vista como anacrônica, ao contrário, essa oscilação derivava do anseio de superar o obscurantismo dos tempos passados e de inaugurar um futuro que habilitasse o país a figurar ao lado de nações-modelos, como a França, Inglaterra e Estados Unidos. A oscilação se dava também nas relações com o

monarca: Torres Homem certa vez, em 1848, num panfleto intitulado *O libelo do povo*, atacou a dinastia dos Bragança. Anos mais tarde, em 1857, já nomeado Ministro da Fazenda e membro do Partido Conservador, reconheceu a imprudência de tal episódio e não poupou elogios à Pedro II.

Na constituição de uma cultura brasileira, ou, dito de outro modo, no estabelecimento de uma vida cultural dinâmica no Brasil daqueles tempos, esse grupo de homens — que estudou na ou que tinha como modelo de conduta a Europa — buscou romper com os obstáculos impostos à sua ação — que eram quase sempre identificados por eles como resquícios dos tempos coloniais — e apontar os novos caminhos que o país deveria trilhar, sempre pautado pelo conhecimento racional

É o desejo de sua difusão através das revistas que reúne esses colaboradores ao longo do século XIX. Das iniciativas pioneiras na década de 30, tímidas mas que já anunciam o fio condutor desse percurso, nos deparamos com o fortalecimento de um espaço de discussão e reflexão que, nas décadas de 40 e 50 possibilitou a consolidação no Brasil da figura do intelectual enquanto aquele que indicaria ao resto da sociedade o caminho a ser percorrido.

## Referências

- BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. *The Spectator – O teatro das luzes: diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1969.
- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O Teatro das Sombras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumar, 1999.
- CIMORRA, Clemente. *Historia del periodismo*. Buenos Aires: Atlântida, 1946
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revistas*. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, 2001.

<sup>47</sup> *O Guaracyaba*: Jornal de Instrução. Rio de Janeiro: Tipografia de J.A. Pascentini & Souza, 18 de janeiro de 1854, p.105.

<sup>48</sup> CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*